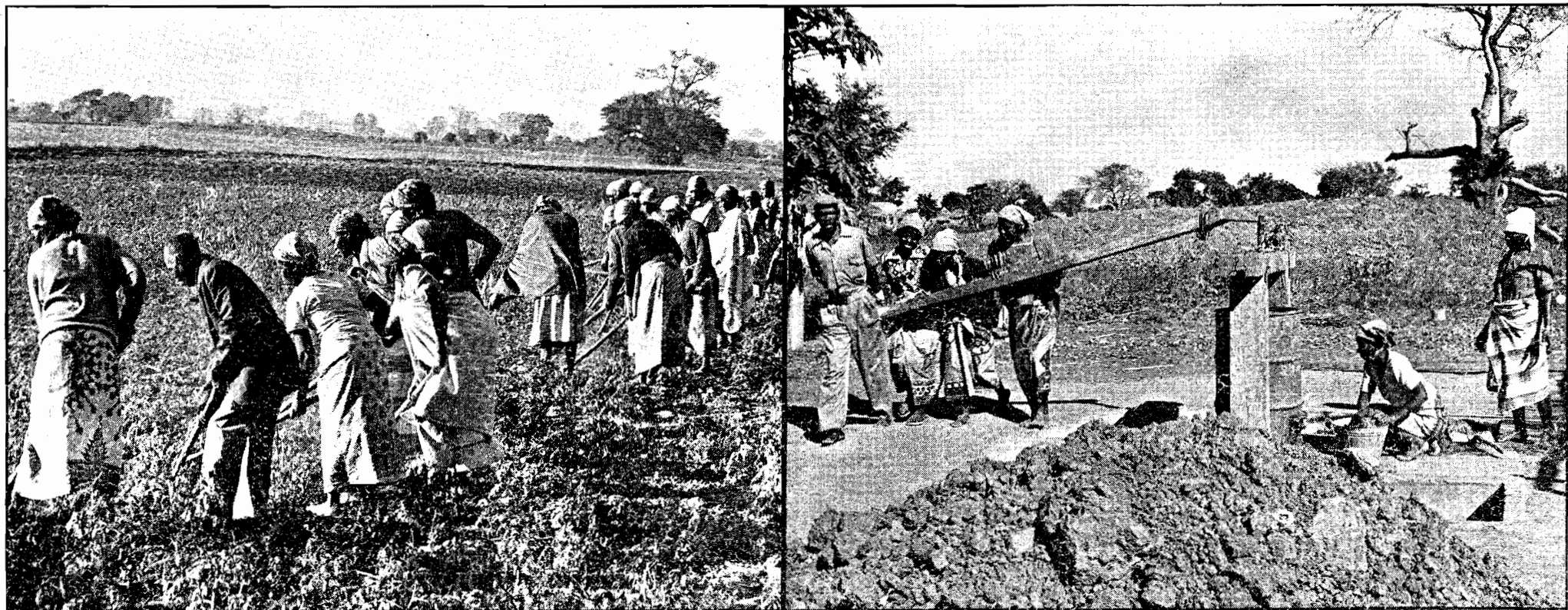


Quem quer ajudar "Maguiguana" a crescer?



Na Cooperativa Agrícola o trabalho continua mesmo com motobomba avariada

A máquina de amassar argila: o plano é usar a tracção animal

A Aldeia Comunal Maguiguana, no Distrito de Magude, em Maputo, ergue-se logo após o mar de cana sacarina do Complexo Agrícola de Incomati, à esquerda da estrada que vai em direcção à sede do Distrito, três quilómetros antes desta. Oficializada em 25 de Julho de 1977, a Maguiguana já existia desde 1976. Hoje tem 3 220 habitantes distribuídos pelos três bairros que a compõem, numa área de 18 mil metros quadrados.

As casas feitas de material e formas distintas — quadrangulares, rectangulares e arredondadas — estão dispostas em 41 ruas. As infra-estruturas ficam no centro da aldeia, perto da estrada: o Conselho Executivo, quase concluído, o Posto de Saúde que também é correio, as cooperativas de costura e de cerâmica, o fontanário com seu tanque que ainda não funciona e o Centro de Comunicação Social. A cooperativa de consumo, escola e o talho encontram-se um pouco distante das outras infra-estruturas, espalhados pela aldeia. A direcção da Aldeia é dinâmica

e reúne-se regularmente. Apolinário Langanho Filimone, de 32 anos, secretário do Departamento para o Trabalho Ideológico na localidade de Maguiguana esclarece:

— Reunimos uma vez por mês com os responsáveis de cada dez famílias, professores, monitores de alfabetização, trabalhadores do Posto de Saúde, do Centro de Comunicação Social, Grupos Dinamizadores, e também com religiosos e curandeiros, para avaliar as actividades de cada sector, e transmitir orientações.

O presidente do Conselho Executivo e do Comité da Localidade,



A aldeia tem 450 poços individuais, por isso água não é problema

António Francisco Maulele, de 35 anos, acrescenta:

— Existem quatro células do Partido, uma em cada um dos três bairros e outra que funciona na Cooperativa Agrícola. As organizações democráticas de massas estão implantadas aqui e, para defesa, temos Milícias Populares. O Distrito tem dado o seu apoio dentro das disponibilidades. Recebemos há pouco tempo duas máquinas de fazer blocos e cinquenta ancinhos da Empresa Cometal-Metal.

SETE BOIS PARA PUXAR CHARRUAS NA COOPERATIVA

A Cooperativa Agrícola Maguiguana, do lado direito da estrada, a cerca de cinquenta metros da aldeia, foi criada em Setembro de 1977 com 90 membros. Agora tem 239, dos quais apenas 14 são homens. Tem 69 hectares que estão cultivados com milho, feijão-manteiga, feijão-nhemba, amendoim, mandioca, cebola e tomate. Este ano colheram 50 sacos de milho, quatro de feijão-manteiga e três de amendoim.

Os cooperativistas trabalham di-

vidos em dois grupos. O primeiro grupo trabalha nas segundas, terças e quartas. O segundo de quinta a sábado, das 6 horas às 10. Desta hora até às 12 os coopera-

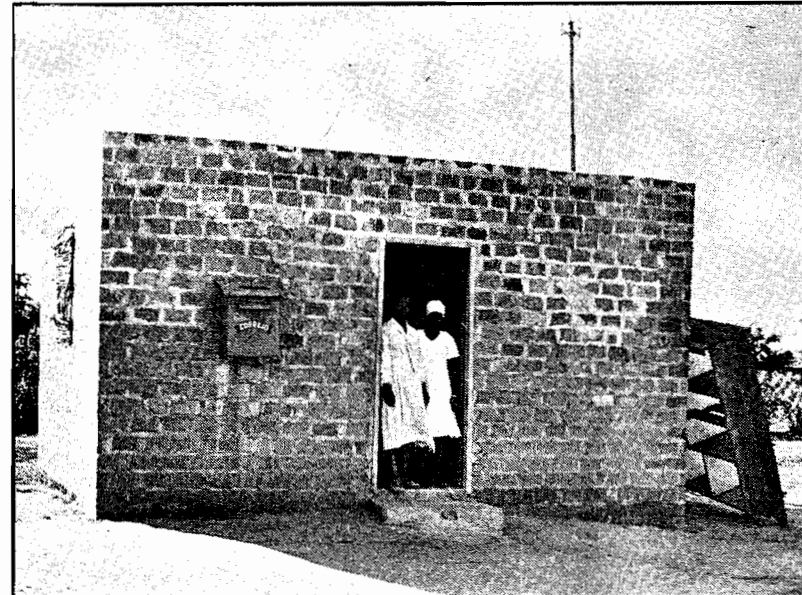
tivistas participam nas aulas de alfabetização. Têm duas charruas e uma motobomba que avariou em Abril e está sendo reparada nas oficinas do Complexo Agrícola de Incomati. Francisco Zucula, de 63 anos, presidente da cooperativa desde 1979, dá mais pormenores: — Vendemos os produtos da colheita primeiro aos cooperativistas e o que resta à população da aldeia. Com o dinheiro da venda pagamos o aluguer de tractores à Mecanagro. Outra parte depositamos no banco para outras necessidades da Cooperativa. Temos sete bois em preparação para puxar as charruas. Criamos também porcos e galinhas. Os problemas que enfrentamos são a falta de uma nova motobomba, tractor com atrelado, enxadas, catanas e ração para a criação. Falta-nos também arame farpado para fazer um curral do gado colectivo e familiar. Fizemos um pedido de arame ao Distrito mas até agora não houve resposta.

A COOPERATIVA DE COSTURA TEM A SUA MACHAMBA

A Cooperativa de Consumo, uma



Os cooperativistas alternam-se nas duas máquinas da Cooperativa de Costura



O actual Posto de Saúde que também é correio



Distribuição de cartões para compra na Cooperativa de Consumo



O presidente do Conselho Executivo e do Comité da Localidade



O presidente da Cooperativa Agrícola (à esquerda) e o secretário da Política Económica da Aldeia



O director da escola, Henrique Jacinto Muchanga

construção em alvenaria junto à Cooperativa Agrícola, foi formada em 1.º de Novembro de 1980, com 335 membros e em breve terá uma outra sede dentro da Aldeia. Actualmente conta com 633 sócios entre homens e mulheres. Tem uma comissão de gestão de seis elementos, quatro trabalhadores, e paga o vencimento da trabalhadora do Posto de Saúde. A quantidade de produtos fornecida não é suficiente para todos os membros. Alfredo Carlos, de 20 anos, seu responsável, lamenta:

— Além dos produtos de primeira necessidade, recebemos também leite condensado, enxadas, pilhas, sapatinhas e capulanas. Mas apesar de levantarmos duas vezes por mês, os produtos não chegam para abastecer todos os sócios. Só recebemos cerveja e refrigerantes nos dias comemorativos. A Aldeia nunca recebeu petróleo.

A Cooperativa de Costura, no centro da Aldeia, foi criada em 1980, com 25 elementos. Agora tem 29 e uma comissão de gestão de cinco pessoas. Possui duas máquinas e o trabalho é feito em dois grupos: o primeiro grupo de segunda a quarta-feira, e o segundo de quinta-feira a sábado, das 6 às 12 horas.

A Cooperativa de Costura tem dois hectares com milho, feijão e abóboreira. Os cooperativistas trabalham na machamba divididos nos mesmos grupos de costura. À tarde, ocupam-se das suas machambas familiares. As dificuldades das costureiras

são a falta de máquinas de coser, de tecidos, tesouras, bobinas, fitas métricas e agulhas. No início os tecidos eram fornecidos pela Comissão das Aldeias Comunitárias e depois pela Encatex, mas agora já não recebem de lado nenhum. Os cooperativistas pensam começar a fazer camisolas e para isso enviaram quatro deles à Cooperativa de Fabrico de Camisolas da Aldeia Comunal «3 de Fevereiro», da Manhica, para serem formados.

A ALDEIA FABRICA TIJOLOS E LOUÇA

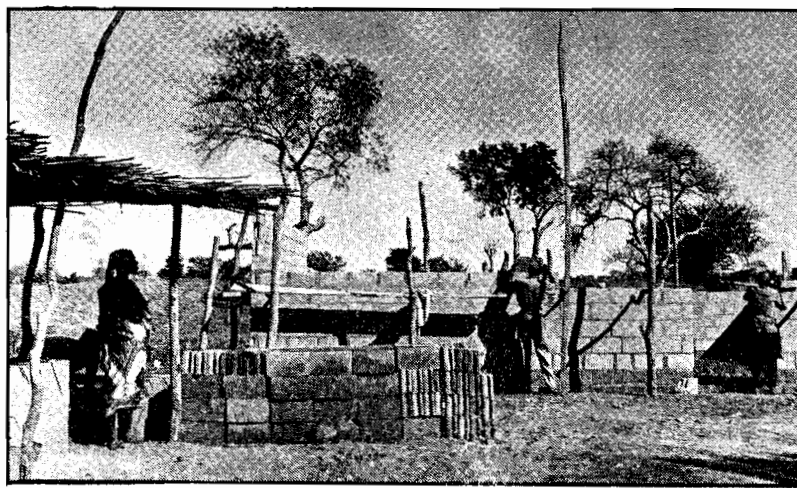
A Cooperativa de Cerâmica surgiu em Dezembro de 1979, com quinze pessoas. Hoje são 45 membros, sendo seis homens. É dirigida por uma comissão de gestão de cinco elementos. Fabrica tijolos e louça. José Mutacate Cossa, de 56 anos, secretário da Política Económica da Aldeia e cooperativista, explica melhor:

— Trabalhamos em três turnos, das 6 horas até às 10, altura que começam as aulas de alfabetização que vão até 12 horas. Cada turno tem quinze pessoas: o primeiro trabalha de segunda a quarta-feira, o segundo de quinta a sábado, o terceiro inicia na semana seguinte e assim sucessivamente. Não vendemos os tijolos porque estamos a construir um armazém. O lucro da venda da louça é depositado no banco e utilizado para comprar material de construção e para outras necessidades da cooperativa. O Distrito tem nos apoiado com baldes, cimento, pás, chapas de lusa'ite, e mandou abrir um poço para a Cooperativa.

O problema que a Cooperativa enfrenta é a falta de carro ou outro meio para transportar barro e lenha, além de falta de picaretas, botas, catanas, machados e de burro para girar a máquina de amassar argila. Pretende construir uma barraca para guardar o material de tabalho e aumentar o número de fornos. Dos dois que possui, só um funciona bem.

UM NOVO POSTO DE SAÚDE: MAIOR E MELHOR

O Posto de Saúde da aldeia foi aberto em 1979. Atende das 7.30 horas às 12, e das 14 às 17 horas, com uma Agente Polivalente apoiada pela OMM. A agente Joana



O futuro armazém da Cooperativa de Cerâmica



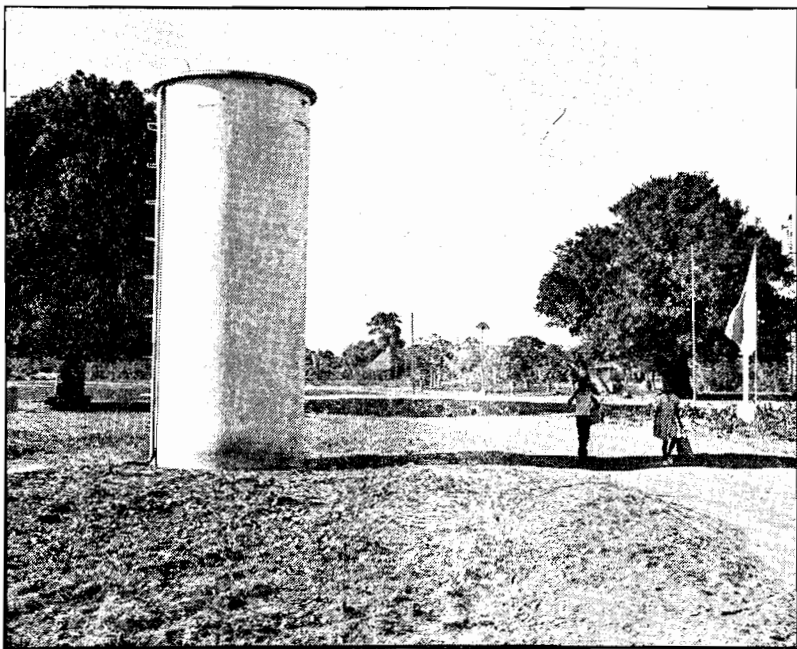
O Centro de Comunicação Social e a sua torre de altifalantes

Sambo, de 18 anos, fala da sua actividade:

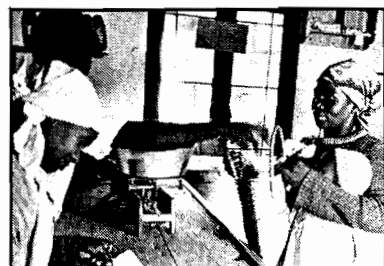
— Atendemos cerca de quinze pessoas por dia. As doenças mais frequentes que tratamos são a diarreia, malária, tosse, dores de barriga, dores de cabeça e de dentes. No caso de doentes em estado grave, telefonamos para o distrito de onde mandam uma ambulância. Está em construção um outro posto maior e melhor para substituir

esse, mas as obras estão paralisadas por falta de material.

O Centro de Comunicação Social de Maguigwana funciona desde 4 de Março. As emissões são feitas por dois programadores e, segundo Ruth Francisco Zucula, de 21 anos, seu responsável, nos dias úteis começam às 4.25 horas e vão até às 6.30. À tarde vão das 16.55 às 19 horas. Nos domingos iniciam às 9 e terminam às 11 horas. Outros



O fontenário e o seu tanque ainda não funcionam



Os produtos que a Cooperativa recebe não bastam para todos os sócios. O que há é dividido racionalmente.



A horta da Cooperativa Agrícola tem cebola e tomate



O Estúdio do Centro de Comunicação Social

dois jovens escolhidos pela Aldeia, para programadores estão a frequentar o curso de Correspondentes Populares e Programadores na Província de Gaza.

UMA ESCOLA PEQUENA PARA O NÚMERO DE ALUNOS

A escola, também junto às cooperativas de consumo e agrícola, na margem do rio Incomati, tem 385 alunos e oito professores. O director, Henrique Jacinto Muchanga, de 26 anos, explica que os alunos estão divididos em oito turmas da pré à quarta classe:

— As aulas começam às 7.30 horas e vão até às 12, e à tarde vão das 12.30 às 17 horas. A escola tem três salas, número insuficiente para as oito aulas à sombra das árvores. Nos dias de chuva, juntam-se duas turmas numa sala, o que dificulta as lições. Algumas crianças são obrigadas a estudar na escola da Aldeia Comunal «Heróis Moçambicanos», que fica a três quilómetros da Maguigwana.

Uma das dificuldades da escola é a falta de carteiras. Outra é falta de lanche, que leva a que os alunos a partir das 10 horas, não tenham interesse pelas aulas. A direcção da Aldeia planeia a construção de uma escola no centro, porque a proximidade do rio representa um perigo constante para as crianças. Julga-se que a construção de carteiras pode ser efectuada pelos carpinteiros existentes na aldeia, ou por artesãos de outras aldeias vizinhas, a convite, no caso de não haver carpinteiros na Maguigwana.



Dos dois fornos que a Cooperativa de Cerâmica tem, só funciona este